

VIOLÊNCIA: uma brincadeira básica

Uma notícia veiculada pelo telejornal da TV Cultura, no último dia 28 de junho, dá conta de uma ocorrência de que pode ser tomada como uma medida da banalização da violência em nosso País.

Uma empregada doméstica é assaltada por volta das seis da manhã, num bairro nobre de São Paulo. Estava indo para o trabalho quando foi abordada por jovens de classe média alta que, por sua vez, haviam saído de uma festa. Usando de agressão física, roubaram um real e um vale transporte. A vítima correu e conseguiu pedir socorro à polícia que prendeu os assaltantes.

A equipe da TVE entrevistou o advogado dos agressores. Para ele, não se tratou de um roubo e sim de uma brincadeira de mau gosto praticada por jovens que estavam bêbados. A televisão também ouviu a psicanalista Maria Rita Kehl a propósito do caso. Enquanto o advogado tratou de minimizar o problema, Maria Rita recordou a morte do índio em Brasília, queimado por rapazes da classe média brasileira há alguns anos, e situou a base desse comportamento como uma orientação em que o indivíduo (rico, jovem) enxerga o outro como propriedade sua.

Torna-se útil proceder a uma inversão para que possamos perceber o quanto os tratamentos são desiguais em função de interpretações diferentemente orientadas. Se fosse a empregada doméstica a assaltar os rapazes, haveria espaço para que a imaginação de um advogado justificasse a ocorrência como sendo uma brincadeira?

Estamos num estranho tempo. É um período em que, sob o rótulo de brincadeira ou diversão, alguns podem matar índios, assaltar empregadas domésticas... Estranho tempo em que brincar com coisas sérias é permitido. Parece ser legal roubar por diversão. Estranho tempo em que o motivo fútil torna o crime menos condenável. Que ironia, se a moda pega, os pobres vão precisar de ricos-laranja para brincar de roubar vale transporte e entregá-los aos que não são credenciados para a brincadeira!

Se a moda pega é possível imaginar o depoimento de um algoz: as pessoas têm que aprender o sentido da brincadeira e deixar de levar a sério tudo o que acontece de fato!

Entre as tantas gravidades contidas nessas estranhas brincadeiras vale destacar aquela que se refere à possibilidade de desafiar a lei e, em seguida, diante do feito, alegar não a inocência mas a atitude irresponsável. É uma maneira de crer-se sempre a salvo e quem sabe gozar de uma atenção benevolente. Nessa maneira há uma idéia de que também as instituições policiais e jurídicas fazem parte da brincadeira.

Há um caso que vale a pena ser lembrado pois através dele somos capazes de recordar que, muitas vezes, os cenários de aplicação da justiça revelam-se frágeis diante das versões e argumentos dos algozes. O julgamento da chacina de Carajás foi um exemplo radical de “culpa resvalada”. Foram contados 19 corpos no chão e inúmeros tiros “disparados para o ar”. Talvez, por brincadeira, os Sem-terra tenham caído das nuvens.